

Poeta (do grego: poiétés) significa produtor. Este significado é obscurecido pelo uso atual da palavra "poesia". De acordo com esse uso o poeta é produtor de versos. O propósito deste trabalho é fazer lembrar o significado original e tentar defender uma tese, que afirma a identidade fundamental entre poesia e produção. Para tanto será necessário localizar a poesia dentro do seu contexto, a saber dentro da atividade linguística, e será necessário compreender a poesia a partir desse contexto.

Visualizemos a humanidade como vasta rede de conversação a cobrir o globo. Nessa imagem são os intelectos em conversação (isto é os indivíduos) os nós da rede, e os fios que os unem são os temas conversados. O intelecto acolhe ("apreende") o tema, converte ("compreende") o tema e reverte ("articula") o tema em direção da conversação geral. Nisto se resume toda a atividade intelectual. O intelecto se realiza acolhendo, convertendo e revertendo temas, em uma palavra: conversando. A conversação é a realização dos intelectos. A conversação é portanto um projeto autêntico, no sentido que os pensadores existenciais dão a esta palavra. Um intelecto que não acolhe, converte e reverte temas, um intelecto que não conversa autenticamente, decai na conversa fiada, nada apreende, nada compreende, nada articula, não se realiza.

A história do pensamento, a história das realizações intelectuais, é portanto idêntica com a história da conversação. Aquilo que chamamos "civilização" é o conjunto dos temas já conversados, portanto acolhidos, convertidos e revertidos. A civilização é o conjunto daquilo que já tem sido apreendido, compreendido e articulado. A civilização é o conjunto dos detritos da ~~conversação~~ conversação, é o rastro que a ^{conversação} ~~conversação~~ deixa para trás como testemunho de sua passagem. A conversação, em seu avanço, devora temas, os digere, e os expela em forma de civilização. Isto não impede que a própria civilização sirva como tema da conversação, que seja, ela própria, conversada. A conversação, tal qual a revolução, devora seus próprios filhotes. Ela avança em todas as direções, inclusive para trás. O problema é o seguinte: Como avança a conversação, como escolhe a direção do seu avanço, como escolhe os seus temas? A resposta é: pelos poetas.

A rede da conversação se expande, qual nebulosa espiral, para dentro do caos do inarticulado. Os intelectos que se encontram nas regiões fronteiriças da conversação, naquelas regiões limítrofes onde a conversação devora temas, são os poetas. Estão em situação de limite (Grenzsituation), enfrentam o in-

articulado. Se definimos, como tempo definido, o intelecto autêntico como estando inteiramente empenhado (engagé) na conversação, devemos admitir que a própria situação do poeta à beira da conversação põe em perigo constante a sua autenticidade. Embora esse perigo seja comum para todos os intelectos, ameaçando todos com a queda para dentro da conversa fiada, o poeta está, além disto, ameaçado pela queda para dentro do inarticulado. A ameaça é, para ele, a da ruptura dos fios que o unem à conversação geral, deixando-o à mercê do caos. Em outras palavras: o poeta está constantemente ameaçado pela loucura. Esta situação poética é, aliás, bem conhecida e pode ser resumida na expressão "genio e loucura". Para evitar essa queda, num ato desesperado de auto-conservação, o intelecto situado à beira da conversação articula o inarticulado que o ameaça. O poeta verte versos. O avanço da conversação em direção do inarticulado se processa através de intelectos ameaçados pelo inarticulado. O avanço da conversação é um ato de auto-preservação. A conversação devora o inarticulado para não ser devorada por ele.

Os poetas são, portanto, as bocas pelas quais a conversação articula o inarticulado. São eles os orifícios pelos quais o inarticulado penetra a conversação. Invertendo a imagem, são eles, no dizer dos antigos, "as bocas dos deuses". Num artigo recentemente publicado neste "Suplemento" o sr. Wilson Chagas aborda este aspecto da poesia, referindo-se, embora obliquamente, à expressão de Heidegger "Dichter in duerftiger Zeit", que ele traduz por "tempo de penúria". Entrando em "conversação" com o sr. Chagas proponho a tradução "tempo necessitado porque passível de realização", o que dá uma vaga ideia do significado da palavra "duerfen" e "duerftig". Acrescento que todo tempo é "duerftig", porque a conversação está sempre ameaçada e, em consequência, sempre se expande. Sempre há poetas. São eles aqueles intrépidos postos avançados do exército da conversação que aumentam o território conquistado ao caos, muitas vezes perecendo neste empenho, caíndo na loucura. São eles os nossos heróis no sentido clássico desta palavra, enfrentam a ira dos deuses. São impelidos por hybris, pelo orgulho, pretendem arrancar o fogo aos deuses e trazê-lo aos mortais. Arrancam versos ao inarticulado, vertendo-os por sobre a conversação. Produzem os temas da conversação.

A poesia, assim concebida, é a beira orgulhosa da conversação. Representa, portanto, do ponto de vista cristão um pecado mortal. Os muito grandes e muito lúcidos entre os poetas, (por exemplo Hoelderlin e Verlaine), sabiam disto e sofreram por causa disto. Aceitaram, entretanto, a sua missão prometida.

lea. Porque dentro de todos os pecados é o orgulho o mais nobre e belo. Prometeu é uma figura banhada em beleza. Por ser heroica e orgulhosa, é a poesia bela. O poeta, enfrentando o inarticulado resolutamente, isto é articulando-o, transforma vivência bruta ("aistheton") em verso, eria beleza. Projeta conversação para dentro do caos e recolhe verso, beleza. Tira verso do abismo do inarticulado, produz (de "produesere"=tirar para a superfície) Entretanto, sabe que atrás do verso se esconde toda a imensidade do inarticulado e nunca inteiramente articulável. Assim deve ser interpretado ("conversado") o verso de Rilke: "Denn das Schoene ist nur des Schrecklichen Anfang" (Porque o Belo não é senão o começo do Terrível).

Poeta em alemão é "Dichter". "Dichten" significa "tornar denso, impermeabilizar". Este significado condensa poeticamente o método da produção poética que tentarei tornar explícito pela conversação seguinte: O poeta é o intelecto ameaçado pelo inarticulado que recolhe em seu redor a conversação para proteger-se nessa conversação recolhida. Torna densa a conversação em torno de si, e a conversação recolhida pelo poeta encolhe. Em seguida o poeta lança a rede da conversação, assim recolhida e encolhida, ao encontro do inarticulado, qual pescador que lança a sua rede dentro do oceano. Recolhe novamente a rede e, se a pesca for bem sucedida, terá recolhido um verso. O poeta vorta esse verso em direção da conversação geral, para que seja conversado, isto é convertido e revertido. Assim o poeta produz um tema para a conversação. A conversação geral acolhe o novo tema, e, convertendo-o e revertendo-o, o torna apreensível e compreensível. O verso, denso e impermeável, torna-se fraco e analisável. O verso intenso, quando conversado torna-se extenso, plano, torna-se prosa (de "prosus"=plano). O verso implícito torna-se explícito. A conversação é a explicação da poesia. A conversação é a análise crítica da poesia. Recorrerei a um exemplo para ilustrar este processo produtivo da poesia conforme ficou ~~ilustrado~~ esboçado:

Num artigo recentemente publicado no "Suplemento" discuti o verso de Nietzsche "Alles ist Wille zur Macht" que traduzi por "Tudo pode ser querendo". Nietzsche era, como sabemos, um daqueles poetas que não conseguiram evitar o mergulho para dentro do inarticulado, a queda para dentro da loucura. O verso em questão representa uma tentativa de evitar essa queda. Como chegou Nietzsche a verter esse verso em direção da nossa conversação, e como a nossa conversação converteu e reverteu esse verso? Nietzsche se viu frente ao inarticulado, que ele chamava de "pensamento mais pesado e di-

ffeil"(den schwersten Gedanken). Para poder suportar o peso desse pensamento, por óra inarticulado, para poder, portanto, suportar o peso dessa sombra de pensamento, recolheu sôbre si a conversação filosófica ocidental desde as suas origens gregas até Schopenhauer. Essa conversação recolhida por Nietzsche se encolheu, dentro de seu intelecto, em duas palavras: "Wille" e "Macht" (vontade e poder). Aquilo que Nietzsche chamava de "nihilismo platónico" representava, dentro dessa conversação recolhida, o polo do poder, e aquilo que Nietzsche chamava de "revalorização dos valores" ou de "superhomem" representava o polo da vontade. A conversação filosófica ocidental, assim recolhida e encolhida pelo intelecto poético de Nietzsche, oscilava entre estes dois polos. Munido com ela, armado e protegido por ela, Nietzsche se lançou contra o inarticulado que o ameaçava. Voltou dessa investida com o verso "alles ist Wille zur Macht" e verteu esse verso em direção da conversação geral num livro que tem por sub-título "Um livro para todomundo e ninguém". O verso, em sua densidade e intensidade poética, abrange toda a conversação filosófica conforme foi recolhida e encolhida por Nietzsche, e a supera. Contem, implícite, um significado novo e nunca antes articulado. Cancela, com efeito, essa conversação, e cria um novo tema. Submete uma nova região do inarticulado à conversação. Entretanto, em sua intensidade, densidade, em seu heroísmo e beleza, o verso não é imediatamente apreensível e compreensível. Tal qual foi vertido por Nietzsche o verso é impermeável. Ele é "hermeticamente fechado", como talvez diriam os mistagogos órficos, os adeptos de Hermes. A conversação geral, acolhendo o verso, se encarrega da extensão, da prosaificação, da análise crítica do verso. A qualidade poética do verso se perde progressivamente no curso dessa conversação, mas o tema se torna progressivamente apreensível e compreensível em muitas camadas. Adquire um significado na camada da sociologia, da biologia, da psicologia, da física, da epistemologia, da ontologia. "Vontade" é apreendida e compreendida como luta de classe ou de raça, como força vital, como libido, como energia nuclear, como processo de conhecimento, ou como fundamento do Ser. Algo do significado original denso e intenso se perde nessa conversação, mas algo se conserva. Esta conversação ainda está em progresso. O verso nietzscheano ainda não foi digerido pela conversação, ainda não resultou em "civilização". Se tivesse recolhido um verso mais antigo e mais conversado como exemplo, poderia ter demonstrado também a civilização oriunda da conversação subsequente. Por exemplo o verso de Agostinho "Deum atque animam cognoscere cupisco. Nihilne plus? Nihil". (Deus e a alma desejo conhecer. Nada mais? Nada). Da con-

versação que seguiu a esse verso surgiu a civilização medieval. Entretanto escolhi o exemplo nietzscheano, por ser mais próximo e mais comovente. Retomo o fio do argumento: O que a poesia ganha em extensão e clareza no curso da conversação, perdê em intensidade e multiplicidade de significados. O processo todo pode ser comparado à respiração: a conversação inspira, graças aos poetas, o inarticulado, e expira essa inspiração lentamente e progressivamente, tendo a civilização como sub-produto dessa expiração. A conversação expira, num converter e reverter constante, a inspiração poética, deixando a civilização como rastro e testemunho desse processo. Trata-se, portanto, de um processo produtivo. O poeta é, dentro desse processo, produtivo "sensu stricto", porque produz os temas da conversação, porque inspira a conversação, porque verte versos. Os demais intelectos em conversação são produtivos "sensu lato", porque produzem a civilização, porque estendem e clarificam a inspiração poética, porque convertem e reverterem, porque conversam versos. A produtividade conversacional é secundária, trata-se de uma indústria de conversação. A produtividade poética é primária, trata-se de uma indústria de extração. O poeta é o produtor por excelência, ele produz "ex nihilo", ele é "po-iétés". O que era a tese a ser defendida.

Entretanto cabe mais uma observação para completar o argumento: O processo da expansão da conversação é um processo histórico. Com efeito, é ele a história do pensamento humano. É um processo irregular e conhece fases de inspiração poética profunda, e outras de expiração civilizatória extensa. Conhece "épocas" (de "époché"=pausa). Cada época inspiracional e a época expiracional que lhe segue são marcadas por algo dificilmente analisável, mas facilmente constatável: são marcadas por um estilo. O estilo no qual os versos de uma dada época inspiracional são vertidos por sobre a conversação marca indelevelmente a civilização que surge da conversação subsequente. Por exemplo: o estilo romanesco e gótico da civilização medieval é consequência do estilo no qual foram vertidos os versos de Agostinho e dos poetas de sua época inspiracional por sobre a conversação clássica moribunda. Outro exemplo: o estilo embrionário da nossa própria civilização é consequência do estilo dos versos da época inspiracional da qual Nietzsche participava. Tem portanto o estilo uma importância primordial para a compreensão de uma dada época da expansão da conversação, uma importância ontológica, com efeito. O estilo atesta a região do inarticulado que está sendo submetida à conversação numa dada época. Por exemplo: o estilo romanesco e gótico atesta que a região

do inarticulado então em vias de articulação era aquela vagamente delineada por "alma". Outro exemplo: o estilo embrionário atual atesta que a região do inarticulado atualmente em vias de articulação é aquela vagamente delineada por "vontade". É claro, entretanto, que podemos mais facilmente reconhecer um estilo ultrapassado do que um estilo nascente.

O que é importante para o presente argumento é a consideração que o estilo caracteriza o poeta. Ele é a sua marca de autenticidade. Num artigo publicado neste "Suplemento" o sr. Anatol Rosenfeld investigou o fenómeno do "Kitsch", da pseudo-arte. O que o sr. Rosenfeld demonstrou de maneira cabal é o facto do "Kitsch" estar revestido de um estilo ultrapassado. Um intelecto que escreve atualmente versos no estilo romantico, por exemplo, não é um poeta autentico, não verte autenticamente versos, porque não enfrenta o inarticulado, mas simplesmente conversa o já conversado e digerido pela conversação. Com efeito, um intelecto assim decaiu na conversa fiada, faz de conta que conversa. Os poetas autenticos avançam, é verdade, cada um por si para dentro do inarticulado e suportam, cada um por si, o peso do pensamento "mais difficil", mas avançam todos na mesma direcção geral, representam todos a ponta da conversação geral em seu processo expansivo. São, portanto, todos marcados pelo mesmo estilo, consequencia da região do inarticulado que todos eles atacam. O poeta não pode autenticamente escolher a direcção do seu avanço, produto que é da conversação geral que o impelle. Não pode, portanto, o poeta escolher o seu estilo. O estilo é a estampa do inarticulado sobre o intelecto poetico, faz parte de sua inspiração. O estilo é a síntese da acção da conversação e da reacção do inarticulado numa dada época da expansão da conversação. Tentativas frustradas empreendidas por poetas autenticos de escolher o seu "proprio estilo" o provam. A Simfonia clássica de Prokofieff e as Bachianas de Vila Lobos não são nem clássicas nem bachianas, mas modernas, o que prova a sua inspiração autentica.

Terá verificado o leitor que o conceito "poeta" foi utilizado neste argumento num sentido um tanto amplo. Ineluí nele filósofos e compositores, e estarei propenso de ineluir, ainda e sob certas reservas, também outros artistas e pesquisadores científicos. O critério é, assim o espero, evidente: Poeta é todo aquele que enfrenta o inarticulado no intuito de articulá-lo. O poeta é o "inspirado" que produz versos para verte-los em direcção da conversação. A inspiração de Einstein é poetica, e a sua equação

é um verso, na definição deste argumento. Ficam excluídos, entretanto, os assim chamados "poetas da vida", justamente porque não articulam. Se for aceita esta definição da poesia devemos concluir que a inspiração poética nunca cessou no curso da conversação que é a história da humanidade. Com efeito, se tivesse cessado, a conversação teria morrido de asfixia. Há épocas de inspiração profunda, e outras de inspiração mais superficial, como há poetas que avançam profundamente para dentro das regiões do inarticulado, e outros que apenas agem como patrulhas de reconhecimento. Debalde tentam as diferentes hipóteses históricas explicar este ritmo irregular da história. Conquanto a inspiração poética vive, conquanto esta corda umbilical que é a poesia liga a conversação com o inarticulado, a conversação proseguirá em seu avanço. O grande poeta tcheco Hálek diz: "Aquela nação ainda não morreu, conquanto o poeta lhe canta. Nascou a canção nos ceus e verte vida para dentro da morte." Os versos novos da poesia são a chuva vivificante da planície prosaica da conversação. O maior feito produtivo do qual é capaz o intelecto é condensado poeticamente no verso do salmista: "Cantarei um novo verso ao Senhor."